



José Cezinaldo Rocha Bessa



Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
(UFRN)

cezinaldobessauern@gmail.com

QUANDO AS LEITURAS FAZEM FALTA - A PROPÓSITO DA ESCRITA CIENTÍFICA DE PÓS-GRADUANDOS

RESUMO

Propondo-nos a investigar a apropriação de leituras na escrita de textos de estudantes de pós-graduação, interessa-nos problematizar como a escrita científica de mestrandos e doutorandos se revela afetada pelas limitações em relação ao repertório de leituras acionado. Neste artigo em particular, nossa intenção é sustentar como um repertório de leituras mais restrito pode comprometer a profundidade e a consistência teórica do texto científico. Para darmos conta desse empreendimento, tomamos como respaldo teórico reflexões e trabalhos que compreendem a leitura e a escrita sob uma perspectiva enunciativo-discursiva de linguagem e realizamos um estudo de natureza interpretativa de um conjunto de textos produzidos por estudantes de pós-graduação stricto sensu. Os resultados apontam dificuldades dos estudantes de pós-graduação do contexto investigado em relação aos modos de apropriação de leituras e à sinalização de fontes consultadas/lidas. O estudo demonstra, portanto, que as poucas leituras realizadas e/ou sinalizadas pelos estudantes afetam significativamente os textos científicos que eles produzem quanto à consistência e profundidade teórica.

Palavras-chave: Repertório de leituras. Escrita científica. Pós-graduação.

WHEN READINGS ARE MISSING - PURPOSE OF SCIENTIFIC WRITING FOR GRADUATES

ABSTRACT

In order to investigate the appropriation of readings in the writing of texts by graduate students, we are interested in problematizing how the scientific writing for master's and doctoral students is affected by the limitations in relation to the repertoire of readings triggered. Particularly in this article, our intention is to support how a more restricted reading repertoire can compromise the depth and theoretical consistency of scientific text. In order to do that, we take as theoretical support reflections and works that places reading and writing from an enunciative-discursive perspective of language and we carry out an interpretative study of a set of texts produced by stricto sensu graduate students. The results point out difficulties of graduate students in the investigated context in relation to the modes of appropriation of readings and the signaling of consulted / read sources. The study demonstrates, therefore, that the few readings performed and / or signaled by the students significantly affect the scientific texts that they produce regarding consistency and theoretical depth.

Keywords: Reading repertoire. Scientific writing. Postgraduate studies.

Submetido em: 15/04/2020

Aceito em: 09/07/2020

Publicado em: 18/08/2020



<http://dx.doi.org/10.28998/2175-6600.2020v12n28p312-330>



I INTRODUÇÃO

Neste trabalho, pretendemos abordar a leitura no contexto da escrita científica de estudantes de pós-graduação¹. A inquietação despertada, que parte de nossa atuação como docente na pós-graduação e de resultados de pesquisas por nós desenvolvidas (BESSA, 2016, 2017, 2018) sobre a escrita de textos científicos de jovens pesquisadores, direcionou nosso foco de atenção, mais recentemente, para o lugar que a leitura tem ocupado na escrita científica de estudantes de mestrado e de doutorado.

Propondo-nos a investigar a apropriação de leituras na escrita de textos de estudantes de pós-graduação *stricto sensu*, interessa-nos problematizar como a escrita científica de mestrandos e de doutorandos pode ser afetada pelas limitações em relação ao repertório de leituras que eles mobilizam. Neste trabalho em particular, nossa intenção é precisamente sustentar como um repertório de leituras mais restrito pode comprometer a profundidade e a consistência teórica de textos científicos.

A hipótese orientadora dessa nossa investida de pesquisa é que o número reduzido de leituras e a (pouca) profundidade com que elas são apropriadas e explicitadas por estudantes, especialmente quando se encontram no início de carreira de pesquisador na pós-graduação, indicam um comprometimento no que concerne ao desenvolvimento de textos científicos com consistência teórica e densidade analítica.

Embora existam inúmeras e consistentes pesquisas que investigam o funcionamento e a organização de textos científicos de estudantes de graduação (UYENO, 2009; NASCIMENTO, CARVALHO, BERNARDINO, 2012; ALVES, SOUZA, 2013; PEREIRA, LEITÃO, 2017; entre outros), é evidente que poucas delas, especialmente no Brasil, têm se debruçado mais diretamente sobre a compreensão em torno de como estudantes de mestrado e de doutorado estão dialogando, na escrita de seus textos científicos, com as fontes de leituras que mobilizam.

Desse modo, tal empreendimento investigativo se mostra relevante por considerar a abordagem da leitura na escrita de textos científicos praticada em um nível mais elevado da formação em pesquisa, campo sobre o qual há, inegavelmente, muito ainda a ser explorado nas investigações sobre os letramentos acadêmicos no Brasil.

Nosso estudo encontra respaldo teórico em reflexões e trabalhos que compreendem a leitura e a escrita a partir de uma perspectiva, fundamentalmente, enunciativo-discursiva. Nesse sentido, assumimos a construção do texto científico como uma atividade dialógica (AMORIM, 2004) e como espaço de constituição de subjetividade (MENDONÇA, 2019), compreendendo que o sujeito que lê e escreve

¹ No percurso entre os primeiros escritos, realizados em junho de 2019, deste trabalho e a sua publicação neste momento, tomamos conhecimento de um texto reflexivo de Ana Elisa Ribeiro, publicado em dezembro de 2019, no site da editora **Parábola**. Intitulado **Qual é a sua contribuição? Ou a falta que ler faz**, o texto de Ribeiro suscita algumas das inquietações sobre as relações entre leitura e escrita na pós-graduação que nos movem desde que este trabalho foi concebido. O compartilhamento de ideias e a preocupação em comum, já sinalizada a partir do título de ambos os textos, constitui um indicador do quanto essa discussão mostra-se necessária no contexto dos estudos sobre leitura e escrita na pós-graduação.

expressa, em última instância, suas compreensões/respostas ativas (BAKHTIN, 2016) sobre as palavras de outrem com as quais ele entra em relação de interação.

O texto está estruturado da seguinte forma: além da presente introdução, na qual apresentamos a nossa proposta de estudo, temos a seção de fundamentação teórica, em que discutimos os postulados teóricos centrais sobre escrita científica, de acordo com uma perspectiva enunciativa e discursiva da linguagem; a seção de metodologia, na qual descrevemos as opções teóricas feitas; a seção de análise, em que realizamos o exame da apropriação de leituras nos textos de estudantes de pós-graduação e, por fim, a conclusão, na qual sintetizamos os achados e tecemos nossas considerações.

2 MARCO TEÓRICO

Produzir textos científicos é uma atividade intrínseca à vida do pesquisador experiente/profissional, afinal não se concebe a construção de conhecimentos científicos sem a prática de socialização (DAY, 2001; SEVERINO, 2012) desse saber por meio de sua expressão textual, sobremaneira na forma de artigos científicos e sua veiculação em periódicos especializados.

Entendemos, com base em Boch (2013, p. 553), que o artigo é “a prática comunicativa prototípica da atividade de pesquisa”, sendo tomado, portanto, como o gênero discursivo por excelência da atividade de socialização do conhecimento. Nessa linha de compreensão, divulgar, mediante a escrita de textos científicos, o conhecimento aferido a partir de um trabalho investigativo é uma incumbência do sujeito que se propõe a pesquisar.

Na pós-graduação *stricto sensu*, lugar natural e de centralidade da produção do conhecimento novo (SEVERINO, 2012), a escrita de textos científicos é também uma atividade que acompanha a vida de mestrandos e doutorandos, seja para obtenção de notas em disciplinas, seja para apresentação em eventos, seja ainda para submissão e publicação em periódicos. Como vemos, a escrita do texto científico constitui-se, portanto, parte essencial da trajetória de formação do pós-graduando nesse nível. O fato é que, pelas exigências institucionais da pós-graduação brasileira e pelas perspectivas de projeção na área e prestígio acadêmico entre os pares ou de sucesso no universo profissional, mestrandos e doutorandos são solicitados a publicarem trabalhos resultantes de suas pesquisas. (BISPO, COSTA, 2016).

Essas exigências implicam, por decorrência, cobranças para que os estudantes de pós-graduação – inclusive no universo das ciências sociais e humanas – produzam como trabalho final de disciplinas cursadas, no mais das vezes, artigos científicos, com vistas à submissão a periódicos especializados (BISPO, COSTA, 2016). Contudo, como sabemos, tais exigências para que pós-graduandos produzam e publiquem não são, muitas vezes, acompanhadas das condições esperadas na atividade de produção do conhecimento

(BESSA, 2017), tampouco são efetivas no sentido de oferecerem auxílio e orientações (MARTIN, 2018) que cooperem com a escrita de um texto científico de qualidade.

Tal contexto contrasta, naturalmente, com as dificuldades que os estudantes de mestrado, por exemplo, enfrentam para produzirem textos científicos (FIGUEIREDO, BONINI, 2006) e com a compreensão de que escrever cientificamente é uma atividade complexa (MARTIN, 2018). Isso pode ser explicado pelo fato de que as produções textuais na pós-graduação se caracterizam por implicarem o domínio de um campo especializado, revelarem uma função específica delimitada na comunidade acadêmica e apresentarem uma estrutura fortemente convencionalizada e características muito restritivas quanto ao uso do sistema geral da língua escrita (BOSIO, 2018).²

Além desses aspectos assinalados por Bosio (2018), podemos considerar que as exigências em torno de uma escrita de textos científicos de *qualidade aceitável*, especialmente que se proponha a apresentar resultados de pesquisa científica inovadora e diferenciada (GALVÃO, 2011) ou a contribuir com algo de original (PINTO, 2018), requerem, como uma de suas tarefas fundamentais, um trabalho de busca e seleção de fontes bibliográficas consideradas relevantes e atualizadas, o que exige, por conseguinte, levantamento de um número significativo de referências. (GALVÃO, 2011).

Compreendemos com Amorim (2004, p. 177) que “não se pode conceber um texto científico que não explicita suas relações com outras teorias”. A atividade de ler trabalhos de outros pesquisadores e incorporar as ideias lidas na tessitura de um dizer próprio é, nesse sentido, constitutiva do ato de escrever textos científicos. Assim, a escrita de textos científicos é uma atividade essencialmente dialógica (AMORIM, 2004; GARCIA NEGRONI, 2008), constituída, pois, por um tecido de vozes (BAKHTIN, 2016) de outras fontes (muitas delas explicitadas, enquanto outras não).

Quando o pesquisador se encontra em início de carreira, a necessidade de um repertório rico e diversificado de leituras de textos é, conforme depreendemos de Bazerman (2014), determinante para a produção de um trabalho minimamente satisfatório, consistente e aceitável perante a comunidade científica. De acordo com Boch e Grossmann (2002), dada a condição em que se encontra em relação aos pesquisadores experientes, o pesquisador iniciante sente a necessidade de sinalizar de forma mais constante e contundente o apoio no dizer de outros autores, no caso, de uma voz de prestígio, com vistas a sustentar o seu posicionamento. Ademais, o pesquisador iniciante se vê confrontado com as orientações segundo as quais, para Hyland (2009, p. 10) a “inclusão de referências de trabalhos de outros autores é, obviamente, fundamental para a persuasão acadêmica”³.

² Original em espanhol: “el dominio de un campo especializado, tienen una función específica delimitada en la comunidad académica, poseen una estructura fuertemente convencionalizada y características muy restrictivas respecto del uso del sistema de la lengua escrita general”.

³ Tradução do original em inglês sob nossa responsabilidade: “The inclusion of references to the work of other authors is obviously central to academic persuasion.” (HYLAND, 2009, p. 10).

O papel da leitura na persuasão acadêmica no contexto da escrita de textos científicos de pós-graduandos pode ser, pois, melhor pensado a partir do que coloca Latour (2000) a propósito da relação entre explicitação de referências bibliográficas e força persuasiva. Segundo o autor, fazer referência a outros autores na escrita de textos científicos não se trata de uma mera questão de prestígio ou de quantidade de fontes citadas, mas, sobretudo, de fortalecer a argumentação persuasiva. Nesse sentido, ele pontua que não há exagero em fazer muitas referências, sustentando que um texto monográfico que apresenta um número significativo de citações e notas de rodapé torna mais difícil a tarefa de enfraquecimento do argumento de seu autor por outros pesquisadores. Diz Latour (2000, pp. 58-59):

[...] uma monografia sem referências é como uma criança desacompanhada a caminhar pela noite de uma grande cidade que ela não conhece: isolada, perdida, pode acontecer-lhe qualquer coisa. Ao contrário, ao atacar um texto carregado de notas de rodapé, o discordante terá que enfraquecer cada um dos outros textos, ou pelo menos será possível exigir isso dele, ao passo que, atacar um texto despido de referências, o leitor e o autor estão em pé de igualdade: face a face. [...] Diga o que disser, podemos ver que ele está ligado ao conteúdo de pelo menos 35 artigos, extraídos de dezesseis revistas e livros, de 1948 a 1971. Quem quiser alguma coisa com esse texto, se não tiver outra maneira de se livrar do argumento, deverá saber de antemão que talvez seja preciso haver-se com todos esses artigos e voltar no tempo todos esses anos que forem necessários.

Com base nas palavras do autor, podemos dizer que, se a presença significativa de referências ou a ausência delas é determinante para se “medir” a força persuasiva de um texto científico, é igualmente importante que elas sejam feitas adequadamente ao contexto de uso. Latour (2000) ainda acrescenta que não basta apenas empilhar um “monte de referências”, porque não é isso que possibilitará ao pesquisador construir um argumento forte e consistente, mas o seu uso estratégico, cuidadoso e consciente, ajustado às teses que se defende. Desse modo, o uso eficiente das referências lidas por quem faz ciência, na construção dos seus textos, constitui uma maneira, segundo Moreno (2011, p. 38) de, por um lado, se afastar do “predomínio de operações de cópia de ideias que reproduzem a informação do texto de origem” e, por outro lado, desenvolver argumentos para defender as fontes das ideias reportadas.

Há, nesse sentido, o desafio de o estudante em formação em pesquisa na pós-graduação encontrar um equilíbrio no processo de diálogo com as diversas fontes de leitura que mobiliza em seus textos científicos. Se, como diz Bazerman (2014, pp. 12-13), numa fase inicial, o estudante sente vontade, necessidade “de ceder a sua voz à voz de outros textos, através de extensas citações e poucas palavras suas”, com a prática contínua e orientação bem arquitetada (PINTO, 2018) e a inserção progressiva nas práticas do campo disciplinar (NAVARRO, 2014), ele tende a se afastar de uma voz meramente reprodutiva e alcançar uma voz que constrói conhecimentos (BAZERMAN, 2014). Entendemos, pois, que o aprendizado das convenções próprias da escrita científica, incluindo o trabalho de negociar as vozes e de assumir posições, vai se intensificando e se ampliando paulatinamente, em um processo de formação e de constituição do sujeito/jovem pesquisador (BESSA, 2016).

Defendendo que o aprendizado da escrita científica e, principalmente, do manejo de vozes nessa escrita, se trata de um processo demorado e complexo, Boch e Grossmann (2002, p. 107) afirmam que “o tempo da escrita teórica é um tempo longo, que supõe conceptualização e apropriação”. Nessa mesma direção, eles afirmam ainda (idem, 98) que: “a escrita pessoal passa por uma gênese complexa, na qual o papel das referências e citações pode evoluir sensivelmente”. Boch (2013, p. 561) ratifica essa compreensão quando declara que o recurso à citação pode ser considerado uma etapa indispensável no processo de iniciação à escrita científica, já que tal recurso permite ao pesquisador iniciante “[...] se familiarizar com os conceitos do campo de referência e adotar uma voz de autor e uma retórica própria ao discurso científico através dos empréstimos a outros autores”⁴.

Na esteira dessa discussão sobre o diálogo com as fontes de leitura na escrita de textos científicos, não podemos deixar de considerar, seguindo Bessa (2016, 2018), as importantes observações assinaladas por Pollet e Piette (2002) acerca de duas posturas típicas de alguns estudantes universitários em relação à prática de fazer referência às ideias de outras fontes, quais sejam, segundo Bessa (2018, p. 102):

1^a) a obsessão citacional – ocorre quando, em trabalhos repletos de citações, os dizeres do outro ao qual se reporta são reproduzidos por extenso sem manifestar marcas de reformulação, indicando um ocultamento da voz do produtor do texto. Essa prática se dá, normalmente, quando se constrói um texto que parece mais uma colcha de retalhos, em que se reduz o papel do produtor pelo fato de ele não fazer mais que aderir ao discurso do outro; 2^a) o defeito de notação de fontes – ocorre geralmente quando, no texto do produtor, não há sinalização manifesta, por meios de recursos como aspas, itálicos, notas de referência, do empréstimo do discurso do outro.

Nesse contexto, Pollet e Piette (2002) explicitam uma nítida preocupação em relação a essas práticas, indicando que, no gerenciamento de vozes, estudantes universitários apresentam dificuldades de se posicionarem em relação ao dizer do outro e de construírem um diálogo frutífero com os dizeres mobilizados. De acordo com essas autoras, isso ocorre porque eles, muitas vezes, se limitam a justapor as diferentes fontes utilizadas, sem, por exemplo, questioná-las e/ou problematizá-las, revelando, desse modo, ausência de distanciamento crítico.

Finalizamos essas reflexões enfatizando que, como entendemos leitura e escrita como atividades indissociáveis, há sempre que se reconhecer o lugar essencial de um repertório rico e diversificado de leituras na escrita de textos científicos como condição *sine qua non* para uma escrita científica com a qualidade esperada nos espaços de circulação do saber e com a perspectiva de apresentar contribuições relevantes para a área. Logo, o contrário disso, a falta desse repertório de leituras, tem um efeito comprometedor para o desenvolvimento da escrita científica e, conseqüentemente, bastante arriscado para o seu autor, haja vista que o argumento por ele exposto poder ser mais facilmente enfraquecido ou até refutado.

⁴ Tradução do original em francês sob nossa responsabilidade: “[...] se familiariser avec les concepts du champ de référence et d’adopter une voix d’auteur et une rhétorique propre au discours scientifique à travers des emprunts à d’autres auteurs.” (BOCH, 2013, p. 561).

3 METODOLOGIA

Em consonância com a postura teórico-metodológica que temos assumido no desenvolvimento de nossas investigações, no âmbito da interface dos estudos da linguagem com a educação, este trabalho se caracteriza por ser um estudo de natureza interpretativa. Dessa forma, nos moldes como concebe Amorim (2016, p. 21), para quem “o trabalho do pensamento em ciências humanas é sempre convocado por uma dimensão interpretativa [...]”, compreendemos que o exercício do pesquisador, afinal, implica uma atividade de compreender sentidos.

Quanto à abordagem adotada, nosso trabalho segue um viés qualitativo, sem, contudo, deixar de considerar, em alguma medida, a dimensão quantitativa, por entendermos, com base em André (1995), que o elemento quantitativo pode ajudar em investigações qualitativas, no aprofundamento da compreensão do fenômeno investigado. Como *corpus* de análise, o estudo que empreendemos aqui compreende o exame de textos científicos produzidos por estudantes de pós-graduação. Considerando os propósitos de nosso trabalho, o enfrentamento analítico se realiza em dois momentos:

- I. um primeiro momento, em que trazemos dados quantitativos sobre as fontes de pesquisa citadas pelos estudantes em seus textos. Esses dados são levantados a partir da análise de um conjunto de 25 artigos científicos produzidos por estudantes de mestrado durante uma disciplina ofertada, no ano de 2017, em um programa de mestrado acadêmico interdisciplinar;
- II. um segundo momento, em que realizamos uma análise qualitativa do diálogo com as fontes de pesquisa na seção de *discussão teórica* de um texto completo, no formato de artigo científico, produzido e publicado em coautoria, por um mestrando e um doutorando da área de Linguística. Esse texto, selecionado aleatoriamente, foi publicado, no ano de 2019, em um livro, no formato de coletânea, que se encontra disponível *on-line*.

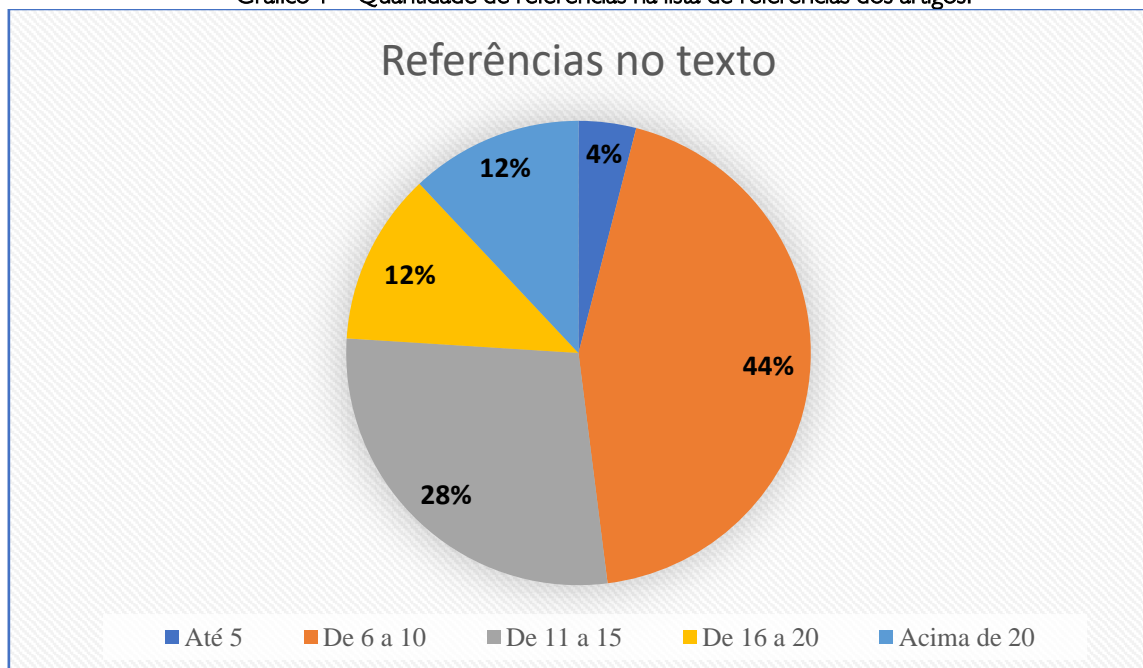
Ademais a análise que desenvolvemos aqui se fundamenta em postulados sobre a escrita científica, especialmente, de estudos de base enunciativa e retórica, a partir dos quais fomos orientando, no cotejo com os textos (BAKHTIN, 2016) recortados para exame, a compreensão de nosso objeto de estudo. Todos os textos selecionados passaram pelos procedimentos de leitura e releitura e foram cotejados uns com os outros, com o objetivo de identificarmos padrões de regularidades e aspectos singulares que nos permitissem construir e organizar a análise que segue.

4 UM OLHAR SOBRE A APROPRIAÇÃO DE LEITURAS NA ESCRITA CIENTÍFICA DE PÓS-GRADUANDOS

Nesta seção do trabalho, nosso propósito é contemplar o exame da apropriação de leituras na escrita de textos de estudantes de pós-graduação. Nesse sentido, sistematizamos nossa análise da seguinte forma: i) exame de alguns dados quantitativos levantados em uma atividade de disciplina em um programa de pós-graduação; ii) exame da seção de *discussão teórica* de um texto completo, no formato de artigo científico, produzido e publicado, em coautoria, por um mestrando e um doutorando da área de Linguística. A intenção é problematizar como a escrita do texto científico nesse nível de formação pode ser afetada pelas limitações em relação ao repertório de leituras.

Inicialmente, centramos a atenção sobre aspectos quantitativos do diálogo de estudantes de pós-graduação estabelecido nos seus artigos, com as leituras de textos científicos. Para tanto, interessamo-nos por examinar, primeiramente, na lista de referências bibliográficas no final dos artigos, a quantidade de referências reportadas. Com base em Latour (2000), partimos da compreensão de que um texto apoiado em um número significativo de referências constitui um indicador do nível de profundidade teórica da pesquisa empreendida. Os resultados desse levantamento podem ser visualizados no gráfico a seguir.

Gráfico I – Quantidade de referências na lista de referências dos artigos.



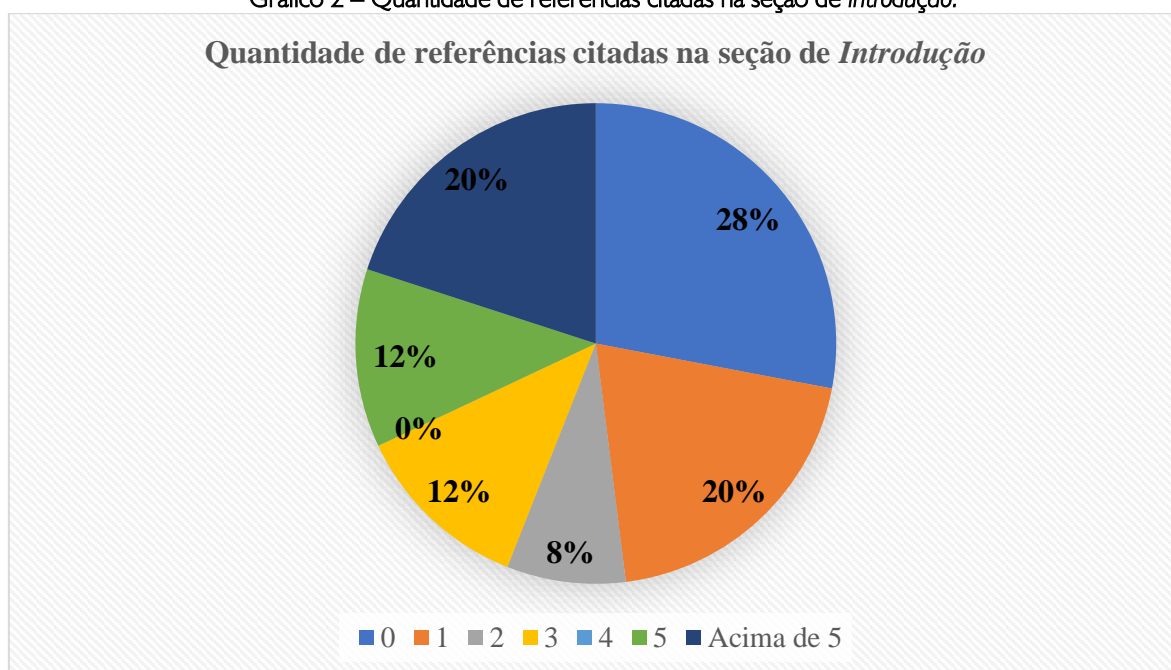
Fonte: elaboração própria do autor

O gráfico I mostra que a maioria dos estudantes de pós-graduação do contexto investigado dialoga com um número reduzido de referências nos artigos científicos analisados. Podemos perceber que, nos 25 artigos recortados, apenas 12% deles dialogaram com mais de 20 fontes de leitura, sendo que a maioria

se concentra de 6 a, no máximo, 15 referências, com predominância daqueles que citam, no máximo, 10 textos. Além disso, ao somar aqueles que citam até 5 referências e aqueles que citam de 6 a 10, temos quase 50% dos artigos, mostrando que o repertório de leitura dos sujeitos do contexto investigado é, claramente, bastante restrito. Logo, esses números sinalizam certo comprometimento da qualidade científica de tais trabalhos, visto que um texto científico sem apoio em um número significativo e adequado de referências pode ter sua força persuasiva comprometida (LATOURET, 2000), assim como a sua consistência teórica.

Os resultados dessa primeira aproximação com os artigos científicos examinados motivaram-nos a realizar uma confrontação de tais resultados com a quantidade de referências explicitadas em cada seção dos artigos. Para este trabalho, selecionamos, como representativos de nossos propósitos, os dados do exame de duas seções, introdução e discussão teórica.

Gráfico 2 – Quantidade de referências citadas na seção de *introdução*.



Fonte: elaboração própria do autor

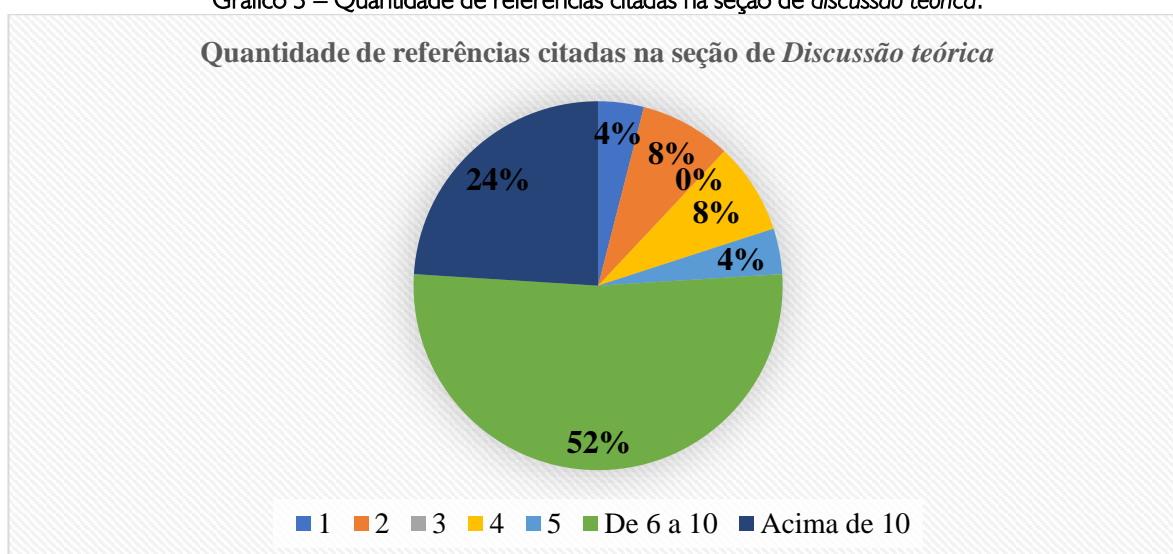
Nossa leitura dos números do gráfico 2 é bastante representativa do que questionamos, neste trabalho, acerca das práticas de leitura dos estudantes de mestrado e sua relação com a escrita do texto científico. Mesmo explicitando que todos os estudantes fazem, pelo menos, 01 referências na seção de introdução, o gráfico mostra que o número daqueles que fazem apenas 1, 2 e 3 referências correspondem a 40%. Já o número daqueles que fazem acima de 4 totalizam 60%. Convém observar que nesse quantitativo de 60% estão incluídos os usos de referências em que o estudante se limita a explicitar a sustentação teórica do trabalho, observável em construções como: “este trabalho está respaldado nos postulados de Bakhtin, Geraldi, Brait, dentre outros”. Estão incluídos também, nesse quantitativo, os casos

em que o estudante faz, por exemplo, uma citação direta, com o propósito de retomar um dado conceito ou uma dada noção de algum(ns) estudioso(s) que fundamenta(m) o trabalho, considerada relevante para compreender o direcionamento teórico assumido.

Com base em estudos de filiação retórica sobre a escrita científica, entendemos que a introdução de um artigo científico de qualidade compreende a seção em que o pesquisador, dentre outros aspectos, revisa itens de pesquisa prévia, procurando, por exemplo, identificar lacunas no conhecimento estabelecido e sinalizar a novidade de sua contribuição para a área de estudos (MOTTA-ROTH; HENDGS, 2010). Assim, é esperado, sobretudo quando se é um pesquisador iniciante, que sejam feitas referências explícitas a trabalhos de pesquisa já desenvolvidos por outros pesquisadores. Nesse sentido, parece-nos significativo o fato de que apenas 20% dos estudantes tenha feito referência a mais de 5 textos, pois constitui forte indício para a existência de limitações quanto à formulação de uma proposta de investigação bem fundamentada e consistente.

A compreensão que construímos sobre os dados da seção de introdução dos artigos de mestrandos é reiterada com o exame da seção de discussão teórica. Como entendemos que toda construção do conhecimento se dá considerando o saber já construído sobre o tema da investigação, partimos da compreensão de que, de modo especial, nesta seção em análise, a referência explícita a outras fontes é determinante para a configuração científica do trabalho (BOCH, 2013; SÁNCHEZ, 2013). Ademais, conforme lembra Severino (2012), o fazer científico prescinde, antes de tudo, da articulação dos fatos ou dos dados empíricos com a leitura teórica.

Gráfico 3 – Quantidade de referências citadas na seção de *discussão teórica*.



Os números apresentados no gráfico acima indicam que há uma quantidade expressiva de estudantes que, na seção de discussão teórica de seus artigos, citam explicitamente de 6 a 10 ou acima de 10 de trabalhos, totalizando um percentual de 76%. Esse dado, em certa medida, pode ser considerado

um número razoável de fontes de pesquisa mobilizadas, embora não seja uma quantidade necessariamente exaustiva, constituindo um indício de fortalecimento da força persuasiva (HYLAND, 2009) das ideias tecidas. Contudo, é também preocupante a constatação de que quase 30% dos artigos explicitem diálogo com, no máximo, 5 fontes de leitura tão somente, numa seção cuja marca essencial é, como assinalam Meza e Rivera (2018), expor ideias prévias desenvolvidas por outros estudiosos.

Diante disso, é possível acreditar que a não familiarização com a linguagem científica (MARTIN, 2018), bem como as dificuldades com as práticas de citação (BOCH, GROSSMAN, 2002), acabem por resultar em defeitos de notação de fontes (POLLET, PIETTE, 2002). Com isso, é produzido um efeito de apagamento das fontes de leituras, que, de acordo com nossa compreensão, indica uma possibilidade de comprometimento da consistência da discussão teórica do trabalho.

Nesse momento, passamos ao exame de um texto completo, no formato de artigo científico, produzido por um estudante de mestrado, em coautoria com um doutorando, visando a reafirmar a hipótese levantada, neste trabalho, de que estudantes de pós-graduação, ao produzirem textos científicos, revelam um repertório limitado de fontes de leitura, o qual tende a comprometer a consistência e profundidade teórica do trabalho. Essa conjectura processa-se, especialmente, quando consideramos, com base em Paltridge e Starfield (2007), que descrever e sintetizar uma extensa quantidade de estudos relacionados ao tema da investigação é uma característica própria da seção de discussão teórica.

Nesse sentido, e em consonância com uma perspectiva enunciativo-discursiva do funcionamento da linguagem, tomamos o texto científico recortado como um enunciado concreto que, em sua organização e constituição, engendra um posicionamento autoral construído no diálogo com as palavras e posições de outros autores/pesquisadores (BESSA, 2016, 2018).

Esse olhar mais descritivo e interpretativo, que direcionamos a partir de agora, contempla o estudo, como supracitado, de um texto completo, no formato de artigo científico, produzido e publicado, em coautoria, por um mestrando e um doutorando da área de Linguística. É importante destacarmos que não se trata de um texto que passou pelo crivo de uma avaliação (mais criteriosa) como condição de publicação, isso porque, como já sinalizado, o artigo compõe uma coletânea de textos selecionados pelo organizador desta.

O trabalho analisado trata de um estudo sobre o uso de recursos metadiscursivos e articuladores textuais em artigos científicos. Contando com 13 páginas, ele apresenta a estrutura prototípica do gênero artigo acadêmico, contemplando as seções de introdução; discussão teórica (dividida em três subseções); metodologia; análise e discussão dos resultados; conclusão e referências.

Conforme sinalizado anteriormente, e levando em conta o nosso propósito de investigar a consistência e a profundidade teórica do trabalho, nossa análise se centra na seção de discussão teórica. Para tanto, convém considerarmos, inicialmente, um exame da lista de referências que consta no texto

produzido pelos pós-graduandos, uma vez que essa lista constitui um indício da quantidade de leituras que os autores realizaram para a construção desta seção em seu trabalho. A consulta feita à lista evidenciou a presença de um número bastante restrito de referências, mais precisamente 6 trabalhos, dos quais um deles não é efetivamente mobilizado no artigo.

Parece-nos importante sublinhar, ademais, que os autores não fazem referência a qualquer fonte de pesquisa nas seções de introdução e metodologia, e que as referências citadas nas seções de análise e discussão de resultados e conclusão estão dentre aquelas reportadas na sessão de discussão teórica. Logo, os 05 trabalhos da lista de referência constituem, à primeira vista, a totalidade de trabalhos mobilizados para dar conta da fundamentação teórica da pesquisa empreendida nas 3 subseções do artigo, sendo 3 deles para tratar do tópico sobre unidades retóricas e recursos metadiscursivos e os outros 2, para abordar sobre os articuladores textuais. Entendemos, assim, que o número de trabalhos relacionados na lista de referências é um indicador muito claro de que o texto analisado não mobiliza um repertório amplo e diversificado de leituras.

Como a questão do espaço limita a possibilidade de reproduzir, na íntegra, a seção de discussão teórica do texto analisado, apresentamos, a seguir, um quadro⁵ em que sintetizamos a organização dessa seção contemplando o modo como os autores estabelecem, em cada parágrafo, diálogo com as fontes de pesquisa reportadas.

Quadro 1 – Diálogo com as fontes de pesquisa na seção de discussão teórica.

Parágrafos	SUBSEÇÃO 1	SUBSEÇÃO 2	SUBSEÇÃO 3
1º	Menção a Swales (1990)...	X	O metadiscorso é definido por Crismore (1990) como o discurso que trata do discurso. Para Hylland (2005), os recursos metadiscursivos...
2º	Motta-Roth e Hendges (2010) adotam a proposição dos referidos autores.... Para as autoras, a introdução constitui a primeira unidade...	X	Segundo Hylland (2005), o metadiscorso contempla a categoria interativa e interacional...
3º	No Quadro 1 transcrevemos o conteúdo da figura 4-4, em que Motta-Roth e Hendges (2010) representam, com base em Swales (1990, p. 14), os movimentos retóricos que constituem a introdução...	X	X
4º	X	Koch (2006, p. 134), define os articuladores discursivo-argumentativos,	X

⁵ Quando, no quadro, consta a marcação com X significa que não há indicação explícita de referência a outros trabalhos naquele parágrafo, e quando consta o traço [-] é para indicar que não há um parágrafo correspondente naquela subseção.

5º	X	Koch (2015, p. 129), ao ampliar a conceituação desses articuladores acrescenta...	O quadro 3, apresentado a seguir, apresenta as categorias e subcategorias do metadiscurso, com base em Hylland (2005)... Fonte: Produzido por Sá e Franca (2019), com base em Silva (2017), com adaptações.
6º	A conclusão, por sua vez, é apresentada por Motta-Roth e Hendges (2010) como um movimento retórico dessa seção...	X	X
7º	No detalhamento da conclusão, Motta-Roth e Hendges (2010, p. 131), com base em Day (1988), apresentam o seguinte detalhamento... Fonte: Sá e Franca (2019), com base em Motta-Roth e Hendges (2010, p. 131)...	Do conjunto de articuladores meta-enunciativos destacamos os atenuadores, apresentados por Koch (2006, 2015), como os recursos que funcionam...	X
8º	O tratamento das implicações práticas dos resultados é ainda apontado pelas autoras como um aspecto a ser contemplado na conclusão...	X	X
9º	X	X	-

Fonte: elaboração própria do autor

O quadro 1 permite-nos observar, com mais detalhes, aspectos relativos ao diálogo com fontes de pesquisa que atravessam a organização e o funcionamento da seção de discussão teórica do trabalho completo examinado. Um desses aspectos, que nos interessa aqui, recobre a identificação do diálogo com as fontes de pesquisa mobilizadas pelos autores do texto.

Podemos constatar, nas três subseções, a manifestação de diálogo explícito com um número bastante reduzido de trabalhos, confirmando o que já havíamos evidenciado a partir do exame da lista de referências. Na primeira subseção, são feitas referências a 5 fontes; na segunda, a 2; e, na terceira, a 3 tão somente. Embora possamos identificar referência a 10 trabalhos no total, um exame mais atento das pistas deixadas no texto nos permite perceber que, no final das contas, os produtores leram apenas os textos de Motta-Roth e Hendges (2010), Koch (2006, 2015) e Silva (2017). Isso porque levamos em conta que as referências, na primeira subseção, feitas aos estudos de Swales e Day, ocorrem por meio da leitura do texto de Motta-Roth e Hendges (2010); já as referências, na terceira subseção, feitas a Crismore e Hylland, são mediadas pela leitura de Silva, que, inclusive, é mencionada apenas como fonte de um quadro que é apresentado pelos autores. Desse modo, vemos que a discussão teórica do trabalho é sustentada basicamente com o apoio na leitura de apenas 3 fontes, o que configura uma construção teórica cuja

persuasão acadêmica (LATOURE, 2000) se mostra comprometida, sinalizando, portanto, as limitações do texto do ponto de vista da consistência e profundidade teórica.

A fragilidade da construção teórica do trabalho se manifesta também pela omissão de fontes de pesquisa que são apropriadas pelos produtores. Tal supressão pode ser claramente observada quando consideramos que, na subseção 3, os produtores constroem a impressão de que, quando citam *Hyland (2005)* no 1º, 2º e 5º parágrafo, leram efetivamente o texto-fonte desse autor, contudo, é possível identificarmos⁶ que a referência a essa fonte é apropriada por meio de uma fonte secundária, no caso, o texto de *Silva (2007)*. Os indícios sugerem que os produtores não consultaram, de fato, o texto de *Hyland (2005)*, uma vez que as ideias atribuídas a este autor, citadas no texto analisado, são as mesmas reportadas por *Silva (2007)*. Tal prática se revela, do ponto de vista das posturas éticas envolvidas na construção de conhecimentos (BESSA, 2016), uma forma questionável de apropriação das palavras de outra fonte, a considerar que se atribui o dizer a uma fonte que não foi efetivamente lida.

Além disso, a omissão de fontes de leitura apropriadas pelos autores se manifesta, no texto analisado, por meio do que *Pollet e Piette (2002)* denominam de defeito de notação de fontes referido na seção 2 deste artigo, observável nas 3 subseções do texto analisado, conforme sintetizamos no quadro a seguir:

Quadro 2 – Defeito de notação de fontes nas subseções da *discussão teórica*.

SUBSEÇÃO 1	SUBSEÇÃO 2	SUBSEÇÃO 3
4º e 5º parágrafos	1º, 2º, 3º, 6º e 8º parágrafos	3º, 4º, 6º e 7º parágrafos

Fonte: elaboração própria do autor

Com base nesse quadro, verificamos que, se na subseção 1, apenas 2 parágrafos denotam defeito de notação de fontes, nas subseções 2 e 3, esse defeito compreende 5 e 4 parágrafos respectivamente, o que corresponde, em média, à metade dos parágrafos dessas duas últimas subseções. Esse dado significa que, embora se apoiem em leituras dos autores consultados e citados, os produtores deixam de explicitar, em parte expressiva da materialidade textual, a fonte das ideias das quais se apropriam, de modo a colocar sob suspeita a consistência teórica da discussão realizada.

É possível percebermos, ainda, que o texto se caracteriza por outra fragilidade quanto à consistência e profundidade teórica, especialmente quando observamos que os produtores se limitam a relacionar/apresentar algumas posições sobre o tópico tratado – é apresentada por *Motta-Roth e Hendges (2010)*; *Motta-Roth e Hendges (2010, p. 131)*, com base em *Day (1988)*, apresentam; apresentados por *Koch (2006, 2015)*; Para *Hyland (2005)* e *Segundo Hyland (2005)* – ao partir de uma única voz em cada

⁶ Esse trabalho de identificação implicou realizarmos o exercício de consultar o artigo de *Silva (2007)* e, em seguida, confrontar as ideias nele reportadas com aquelas expressas no texto analisado. Cumpre, ademais, salientar que, no texto analisado, o trabalho de *Hyland (2005)* não é sequer citado na lista de referências.

seção, ficando a distribuição das vozes, por subseção do texto, da seguinte forma: Motta-Roth e Hendges (2010), na primeira subseção, Koch (2006, 2015), na segunda, e Silva (2017), na terceira.

Além desse limite de posicionamento, dado o número escasso de fontes por subseção, observamos ainda que, ao introduzirem as palavras de outrem no tecido do texto, os autores se restringem, portanto, a um exercício de mera reprodução, mediante citações indiretas e modalizações em discurso segundo⁷, das ideias dos autores lidos, sem incluir comentários críticos (PALTRIDGE, STARFIELD, 2007) ou sem expressar um posicionamento mais crítico (POLLET, PIETTE, 2002). O texto não constitui, pois, um espaço de gerenciamento de vozes (GARCIA NEGRONI, 2008) em que são confrontadas diferentes vozes e articulados diferentes pontos de vistas sobre o tópico tratado.

Com isso, podemos dizer que a construção teórica analisada não revela, a considerar a falta de um diálogo mais consistente e produtivo com um repertório rico e amplo de leituras, um maior aprofundamento da discussão proposta e a construção de uma reflexão teórica relevante e original.

Queremos, ainda, reafirmar que a capacidade de apresentar uma reflexão profunda, de desenvolver uma análise crítica e de apresentar soluções aos problemas investigados resulta, em grande medida, do comprometimento do estudante com as leituras que realiza em profundidade. Como discutimos aqui, a inserção da prática de escrita no universo acadêmico-científico em conjunto com um trabalho de orientação bem direcionado são indispensáveis para o progresso do estudante e a potencialização da qualidade de sua escrita científica, e, por conseguinte, para que seu trabalho apresente contribuição (relevante e/ou inovadora) para o campo do saber.

5 CONCLUSÃO

Como reflexo de nossas experiências de ensino e de pesquisa na pós-graduação *stricto sensu* e de inquietações com relação às práticas de leitura e de escrita de textos científicos na formação de jovens pesquisadores decorrentes dessas experiências, fomos despertados para a necessidade de investigar a apropriação de leituras na escrita de textos de estudantes de mestrados e doutorado. Nesse sentido, no presente trabalho, nosso propósito foi problematizar como a escrita de textos científicos na pós-graduação pode ser afetada pelas limitações em relação ao repertório de leituras.

Apoiando-nos em reflexões e em trabalhos que compreendem a leitura e a escrita dentro de uma perspectiva, fundamentalmente, enunciativo-discursiva, realizamos uma análise de textos produzidos por estudantes de pós-graduação. Nosso olhar interpretativo sobre os textos recortados para estudo compreendeu o exame de dados quantitativos levantados a partir da investigação de artigos produzidos

⁷ A propósito das formas de referência ao discurso de outrem, consideramos a classificação de Boch e Grosman (2002).

por mestrandos, bem como a análise de uma seção de discussão teórica de um texto completo, no formato de artigo científico, produzido e publicado, em coautoria, por um mestrando e um doutorando.

A análise empreendida demonstra que os estudantes de mestrado e doutorado do contexto investigado apresentam dificuldades em relação aos modos de apropriação de leituras, que têm se refletido em suas escritas de pesquisa. Confirmamos que, além de revelarem um repertório muito limitado de fontes de leituras que compromete a força persuasiva, os textos revelam problemas de omissão de fontes consultadas/lidas, reforçando, assim, a construção de um texto científico empobrecido do ponto de vista da fundamentação teórica. Nossa análise demonstra, desse modo, que, nas escritas de pesquisa dos pós-graduandos examinadas, as poucas leituras afetam significativamente a construção de um texto científico que revele consistência e profundidade teórica.

Nosso estudo mostra, portanto, que estudantes de mestrado e de doutorado têm lido muito menos do que é o esperado para construir um texto científico de qualidade e relevante, o que nos impõe desafios tanto quanto ao enfrentamento em relação ao incentivo à leitura na pós-graduação, como no que diz respeito às práticas de escrita de seu campo disciplinar nesse nível de formação. Parece-nos claro, dessa forma, que precisamos explorar com mais atenção o trabalho com as possibilidades de fontes de pesquisa e as formas de apropriação delas na escrita científica. Igualmente importante é não perder de vista o desenvolvimento da autonomia de pós-graduandos quanto à consulta e à seleção de fontes adequadas e relevantes, que são possibilitadas pelo universo das tecnologias digitais em nossos dias.

Destacamos, pois, que, além de nos permitir diagnosticar dificuldades que se apresentam em práticas de leitura e de escrita de textos científicos de pós-graduandos, nossa investigação reforça a necessidade de pensarmos estratégias e metodologias de ensino mais eficazes para suprir lacunas que mestrandos e doutorandos apresentam quanto ao diálogo com as fontes de leitura na escrita de seus textos científicos. Acreditamos, portanto, que esse enfrentamento constitua uma condição fundamental para que as produções científicas desses estudantes resultem em textos científicos de qualidade e relevantes para a construção de conhecimentos em seu campo de saber.

REFERÊNCIAS

ALVES, M. L.; SOUZA, G. S. Na tensão de vozes, a (re)velação de imagens: o ethos de estudantes de letras em relatórios de estágio. **Diálogo das Letras**, v. 02, n. 01, p. 125 – 146, jan./jun. 2013.

AMORIM, M. **O pesquisador e seu outro**: Bakhtin nas ciências humanas. São Paulo: Musa editora, 2004.

AMORIM, M. As ciências humanas e sua especificidade discursiva. In: RODRIGUES, R. H.; PEREIRA, R. A. (org.). **Estudos dialógicos da linguagem e pesquisas em Linguística Aplicada**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2016, p. 17-45.

ANDRÉ, M. E. D. A. de. **Etnografia da prática escolar**. 6. ed. Campinas: Papyrus, 1995.

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.

BAZERMAN, C. El descubrimiento de la escritura académica. In: NAVARRO, F. (coord.). **Manual de escritura para carreras de humanidades**. Buenos Aires: Editorial de la Facultad de Filosofía y Letras Universidad de Buenos Aires, 2014, p. 11-16.

BESSA, J. C. R. Entre citação, autoria e plágio na escrita científica de pós-graduandos. **Linguística**, v. 34, p. 1-21, 2018.

BESSA, J. C. R. Sobre condições de autoria e de produção científica do jovem pesquisador. **Raído**, v. 11, p. 23-41, 2017.

BESSA, J. C. R. Dialogismo e construção da voz autoral na escrita do texto científico de jovens pesquisadores. 2016. 385 f. **Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa)** - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Araraquara, 2016.

BISPO, M. de S.; COSTA, F. J. Artigos como avaliação discente em disciplinas de pós-graduação: instrumento educativo ou subsistema de linha de montagem? **Cad. EBAPE.BR**, v. 14, n. 2, p. 1001-1010, abr./jun. 2016.

BOCH, F. Former les doctorants à l'écriture de la thèse en exploitant les études descriptives de l'écrit scientifique. **Linguagem em (Dis)curso**, v. 13, n. 3, p. 543-568, set./dez. 2013.

BOCH, F.; GROSSMANN, F. Referir-se ao discurso do outro: alguns elementos de comparação entre especialistas e principiantes. **Scripta**, v. 6, n. 11, p. 97-108, 2002.

BOSIO, I. V. ¿Podemos mejorar la calidad de la escritura en el posgrado? Algunas respuestas a partir de un proceso de investigación-acción. **Rev. Bras. Linguíst. Apl.**, v. 18, n. 4, p. 737-769, 2018.

DAY, R. A. **Como escrever e publicar um artigo científico**. Tradução de Marina André de Alvarez. 5. ed. São Paulo: Livraria e Editora Santos, 2001.

FIGUEIREDO, D. de C.; BONINI, A. Práticas discursivas e ensino do texto acadêmico: concepções de alunos de mestrado sobre a escrita. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 6, n. 3, p. 413-446, set./dez. 2006.

GALVÃO, M. C. B. O levantamento bibliográfico e pesquisa científica. **Fundamentos de Epidemiologia** [S.l: s.n.], 2011. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/002499360>. Acesso em: 10 abr. 2020.

GARCIA NEGRONI, M. M. Subjetividad y discurso científico-académico: acerca de algunas manifestaciones de la subjetividad en el artículo de investigación en español. **Rev. Signos**, v.41, n.66, p. 9-31, 2008.

HYLAND, K. Writing in the disciplines: research evidence for specificity. **Taiwan International ESP Journal**, v. 1, n. 1, 5-22, 2009.

LATOUR, B. **Ciência em ação**: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

MARTÍN, E. Ler, escrever e publicar no mundo das ciências sociais. **Revista Sociedade e Estado**, v. 33, n.3, p. 941-961, set./dez.2018.

MENDONÇA, M. C. A produção textual na esfera escolar: considerações sobre a “escrita como trabalho”. **Diálogo das Letras**, v. 8, n. 1, p. 3-15, jan./abr. 2019.

MEZA, P.; RIVERA, B. La comunicación del conocimiento propio en tesis: variación entre grados académicos en la sección desarrollo teórico. **Revista de lingüística teórica y aplicada**, v. 56, n. 1, p. 115-138, jul./2018.

MORENO, S. S. Lectura crítica y escritura argumentativa para tomar posición frente al conocimiento disciplinar en la formación universitaria. **Entre Lenguas**, v. 16, p.27-41, 2011.

MOTTA-ROTH, D.; HENDGES, G. R. **Produção textual na universidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

NASCIMENTO, I. A. de A.; CARVALHO, J. L. Q.; BERNARDINO, R. A. dos S. A (não) assunção da responsabilidade enunciativa em artigos científicos produzidos por estudantes de Letras. **Diálogo das Letras**, v. 01, n. 01, p. 241-254, jan./jun. 2012.

NAVARRO, F. Géneros discursivos e ingresso a las culturas disciplinares: aportes para uma didáctica de la lectura y la escritura en educación superior. In: NAVARRO, F. (coord.). **Manual de escritura para carreras de humanidades**. Buenos Aires: Editorial de la Facultad de Filosofía y Letras Universidad de Buenos Aires, 2014, p. 29-52.

PALTRIDGE, B.; STARFIELD, S. **Thesis and dissertation writing in a second language: a handbook for supervisors**. Londres, England: Routledge, 2007.

PEREIRA, R. C. M.; LEITÃO, P. D. V. Mediação formativa na prática de elaboração de artigos científicos. **Diálogo das Letras**, v. 06, n. 01, p. 63-88, jan./jun. 2017.

PINTO, M. da G. L. C. O labor da escrita: uma prática também testemunhada por estudantes. **Diálogo das Letras**, v. 7, n. 3, p. 10 - 29, set./dez. 2018.

POLLET, M. C.; PIETTE, V. Citation, reformulation du discours d'autrui. Une clé pour enseigner l'écriture de recherche ? **Spirale**, n. 29, p. 165-179, 2002.

RIBEIRO, A, E. Qual é a sua contribuição? Ou a falta que ler faz. **Blog da Parábola Editorial**. 2019. Disponível em: <https://www.parabolablog.com.br/index.php/blogs/a-falta-que-ler-faz>. Acesso em: 27 jun. 2020.

SÁNCHEZ, D. Aplicabilidad de la tipología de funciones retóricas de las citas al género de la memoria de máster en un contexto transcultural de enseñanza universitaria. **Rev. Signos**, v.46, n.81, p. 82-104, 2013.

SEVERINO, A. J. Pós-graduação, pesquisa e formação: desafios da contemporaneidade. **Revista Espaço Pedagógico**, v. 19, n. 2, p. 233-246, jul./dez. 2012.

UYENO, E. Y. Letramento acadêmico, autoria e alteridade: um olhar sobre o (o)outro da escrita. **Revista Caminhos em Linguística Aplicada**, Unitau, v. 1, n. 1, p. 27-34, 2009.

COMO CITAR ESSE ARTIGO

BESSA, José Cezinaldo Rocha. Quando as leituras fazem falta - a propósito da escrita científica de pós-graduandos. **Debates em Educação**, Maceió, v. 12, n. 28, p. 312-330, Set./Dez. 2020. ISSN 2175-6600. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/debateseducacao/article/view/10017>. Acesso em: dd mmm. aaaa.